

Maria Auxiliadora de Freitas

Cuiabá

Imagens da cidade

*Dos primeiros registros
à década de 1960*



Cuiabá

Imagens da cidade

*Dos primeiros registros
à década de 1960*

Patrocinadores



Secretaria de Estado
de Cultura



Siglas

s/a | sem identificação do autor

s/d | sem data

c. | cerca de

APMT | Arquivo Público de Mato Grosso

BN/RJ | Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

CBM | Casa Barão de Melgaço

C&C | Banco de Imagens da Carrión & Carracedo Editores Associados

CC | Cineclube Coxiponés / Universidade Federal de Mato Grosso

Iphan/DID/ANS-RJ | Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional /

Departamento de Identificação e Documentação / Arquivo Noronha Santos - Rio de Janeiro

Misc | Museu da Imagem e do Som de Cuiabá Lázaro Papazian (Cháu)

Ndihr | Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional

UFMT | Universidade Federal de Mato Grosso

Imagens de capa, pré e pós-textuais

Capa e 4a. capa

Vista da Praça da República recém-inaugurada, em 1928 [foto de Lázaro Papazian, acervo de Névio Lotufo - foto da p. 151]

Panorâmica de Cuiabá, no final da década de 1960 [foto Pierre, acervo da família Freitas - foto da p. 145]

Pré e pós-textuais

p. 2: Córrego da Prainha, década de 1940 [foto de Orlando Nigro, acervo de Leopoldo Nigro | C&C - foto da p. 209]

p. 8: Rua dos Bandeirantes, década de 1940 [foto de Orlando Nigro, acervo de Leopoldo Nigro | C&C - foto da p. 205]

p. 10: Jardineiras de transporte público, ao lado do Palácio da Instrução, c. 1930 [foto s/a, acervo de Ademar Poppi - foto da p. 85]

p. 14: Detalhe de gradil em ferro fundido, em casarão do Centro Histórico, c. 1970 [foto s/a, acervo do Misc]

p. 16 e 17: Vista aérea de Cuiabá, c. 1960 (foto s/a | ColonVist, acervo de Ademar Poppi | C&C)

p. 262 e 263: Detalhe de vista de Cuiabá [in AYALA & SIMON, 1914]

p. 271: Vista parcial do Jardim Alencastro, 1939 [foto de Orlando Nigro, acervo de Leopoldo Nigro | C&C - foto da p. 186]

Agradecimentos às instituições que cederam imagens para esta publicação

Arquivo Público de Mato Grosso, APMT

Arquivo Nacional, RJ

Arquivo Noronha Santos, do Iphan/ RJ

Biblioteca Nacional, RJ

Casa Barão de Melgaço

Cineclube Coxiponés, da UFMT

Cúria Metropolitana

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Iphan

Instituto de Planejamento e Desenvolvimento Urbano de Cuiabá, IPDU/PMC

Museu da Imagem e do Som de Cuiabá Lázaro Papazian (Cháu), Misc

Museu Histórico de Mato Grosso

Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional, Ndihr/UFMT

Agradecimentos da editora às pessoas que contribuíram com novas imagens ou informações para esta publicação

Ademar Poppi | Aníbal Alencastro | Boris Kossoy | Claudio Quoos Conte | Glauco de Almeida | Helena Müller | Hélio Pimentel

Leopoldo Nigro | Névio Lotufo | Maria de Lourdes da Silva Ramos | Moacir Daima | Natália Arauz Perez

Nileide Souza Dourado | Pedro Papazian

Maria Auxiliadora de Freitas



Cuiabá

Imagens da cidade

*Dos primeiros registros
à década de 1960*



Editora Maria Teresa Carrión Carracedo
Revisão de originais Claudio Quoos Conte
Coordenação de produção Ricardo Miguel Carrión Carracedo
Design gráfico Helton Bastos
Assistente na edição Walter Galvão
Revisão Henriette Zanini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Freitas, Maria Auxiliadora de

Cuiabá : imagens da cidade : dos primeiros registros à década de 1960 / Maria Auxiliadora de Freitas. -- Cuiabá, MT : Entrelinhas, 2011.

Bibliografia
ISBN 978-85-87226-92-1

1. Cuiabá - Descrição 2. Cuiabá - História 3. Fotografias - Cuiabá I. Título.

09-07716

CDD-918.1721

Índices para catálogo sistemático:

1. Cuiabá : Relato histórico 918.1721

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta edição pode ser reproduzida ou utilizada – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação, etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem expressa autorização da autora e editora.

 entrelinhas

Av. Senador Metello, 3773 – Jardim Cuiabá – Cep 78030-005 – Cuiabá/MT – Brasil
Tel./Fax: 65 3624 5294 – www.entrelinhaseditora.com.br – editora@entrelinhaseditora.com.br

“... Ao ser perguntado sobre o que o homem deveria compreender melhor, o escritor português José Saramago disse: ‘as diferenças’. Sem perceber, o homem quer que tudo seja igual, e destrói tudo que é ‘diferente’. Talvez nossa salvação esteja em respeitarmos as diferenças existentes.”

Eliana Tereza de Freitas



Parece que foi ontem que os vi...

Pelo que me há de pensar
Se caminhas a passos largos
E leva consigo essa imagem
Impregnada de lágrimas e beijos...
Úmidas e amassadas pelo clamor!

Então responda-me agora
De onde vem tanta ilusão?

Se olhas, encanta e fascina
O que é real neste instante visto?

És, pois, o símbolo do ontem e
A recordação do amanhã.
Tuas lembranças são
Unidas pelos pontos
Que formam a imagem
Que aos montes te dão forma
E permitem apropriar-me de ti
E de tua memória.

Parece que foi ontem que os vi...

Apenas me apercebi de vocês
Quando fitei seus olhos e imaginei
Vê-los felizes fitando os meus...

Quem dera! É apenas um retrato
Que os olhos miraram e
Perderam-se dos meus para sempre...

Maria Auxiliadora de Freitas



Dedico

A meu pai, João de Faria Freitas,
e a minha irmã, Eliana Tereza
de Freitas, que partiram tão
jovens e cheios de sonhos.

Então, os seus sonhos serão
os meus, que discorrem nas
páginas desta publicação.



Agradecimentos

A concretização deste livro contou com o apoio e o trabalho de muitas pessoas, sem as quais não se realizaria.

A minha professora e orientadora Dr^a. Estefânia Knotz C. Fraga: o seu carinho e dedicação me permitiu desenvolver esta pesquisa.

À UFMT, especialmente: ao NDIHR – àqueles que, no trabalho, sempre estiveram ao meu lado, obrigada; ao ICHS, pelo apoio e incentivo a nós, técnicos-administrativos, para que possamos alcançar qualificação profissional; ao curso de Comunicação Social/IL, obrigada pela acolhida e carinho.

Ao IPHAN do Rio de Janeiro e à sua Regional em Cuiabá, especialmente ao Arquivo Noronha Santos. Ao Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro.

À Superintendência do Arquivo Público de Mato Grosso, APMT; ao Museu Histórico do Estado e ao Museu da Imagem e do Som de Cuiabá - MISC.

A minha mãe, Anna Luiza de Abreu Freitas, mulher de fibra e coragem, lutadora, e que fez de tudo, deixando seus ideais de lado, pela sua família. Obrigada pela vida, pelo carinho, amizade e por você estar perto de mim, sempre: te amo.

A minha filha Francis, pela longa espera de quatro anos em me ver ir e vir, oferecendo-me seu sorriso inocente e alegria na volta para casa: te amo, filha.

A Marly Pommot Maia, amiga que conquistei na jornada de buscas e que foi de fundamental importância para este meu trajeto. Dedicada e atenciosa, usou seu tempo livre para me auxiliar na identificação das imagens. A você, amiga, meus sinceros agradecimentos.

A minha querida Prof^a. Dr^a. Lúcia Helena Gaeta Aleixo meus sinceros agradecimentos pelas leituras e sugestões pertinentes para este trabalho de pesquisa. Obrigada por tudo.

A Maria José Valério C. Teixeira, professora amiga de momentos difíceis e grande companheira. Obrigada, de coração.

Aos meus familiares, obrigada por me incentivarem sempre, e pelas sugestões pertinentes.

Ao meu primo fotógrafo, Gerson Rosa, por ter dado pistas para encontrar fotografos esquecidos, a minha eterna gratidão.

Às famílias que depositaram em mim a confiança de seus acervos fotográficos para reproduzir e duplicar.

À família Papazian: à Yolanda, Martha, Eduardo e Gonçalo pelo apoio e fontes; a Pedro Papazian, amigo e companheiro de momentos difíceis, obrigada por facilitar meus trabalhos, sempre.

À família do Sr. Moacir Daima, pelo carinho e confiança em mim depositada.

A Elza Arauz Coani Perez, primeira fotógrafa mulher de Mato Grosso. Exemplo de uma vida dedicada à fotografia. Obrigada pelo seu apoio.

A Névio Lotufo, pelas informações e pela facilitação do acesso às imagens do seu acervo particular.

A Leopoldo Nigro, filho do engenheiro sanitarista e fotógrafo amador Orlando Nigro, e a Ademar Poppi, arquiteto que salvou da destruição muitas imagens antigas da cidade, agradeço pelo apoio e pelas preciosas imagens inéditas que cederam à editora para publicação neste livro.

Ao Prof. Dr. Boris Kossoy, da Escola de Comunicação e Artes/USP, autor de diversos livros de referência sobre a história da fotografia no Brasil, por autorizar a publicação de importantes informações sobre fotógrafos que atuaram em Mato Grosso de 1833 a 1910.

A todos os meus amigos. Os de perto e os de longe. O meu carinho especial e obrigada por acreditarem sempre em mim.

E a todos que contribuíram, de forma direta ou indireta, para a concretização deste sonho, obrigada.

Apresentação

É impossível ficar indiferente à obra de Maria Auxiliadora de Freitas. Escrita com grande competência, realiza minucioso levantamento de imagens dos mais variados acervos, ao tempo em que nos brinda com inventário de fotografos que atuaram na cidade, construindo um referencial precioso para a historiografia, utilizando-se da fotografia como documento histórico. Outro ponto considero relevante em seu trabalho: a preocupação com a identificação precisa das fotos descortinadas ao longo do texto.

O material iconográfico, muito rico, nos leva a recompor a fisionomia e o quadro visual da cidade de Cuiabá. De maneira irretocável, vai mesclando os séculos através das imagens, revelando suas semelhanças e suas diferenças.

No viajar pelo tempo, seu trabalho nos permite pinçar o sentimento que, por certo, dominava o agir dos descobridores da nossa América, obrigados à lógica da inclusão do novo. O tema deste livro nos conduz à prospecção e à representação do real. Quanto a mim, franqueou-me vislumbrar a paisagem urbana, encarando-a como receptora dos fenômenos sociais. Evidencia a cidade pela ótica do novo, do estupor de quem busca, por meio das imagens, um dinamismo inato à cultura moderna, que veria o mundo pincelando-o com cores novas. Melhor dizendo: a autora entreabre a possibilidade de ver o mundo por novo ângulo. Nessa direção, isso confere ao tema forma e energia novas.

No desenrolar dos quatro capítulos, Maria Auxiliadora percorre a cidade de Cuiabá, em todos os seus meandros, e vai montando seu referencial teórico. A princípio, a cidade é observada pelo olhar dos viajantes e memorialistas. Seu objetivo: ampliar as reflexões do olhar sobre a cidade de Cuiabá. A partir daí, retoma a imagem da cidade nos séculos XVIII e XIX, visitada por viajantes e exploradores europeus. Creio seja importante compreender essa cidade pela ótica do novo, perscrutada por quem aqui aporta, clicada pelo olhar do colonizador. Exatamente onde a cosmografia tradicional se alterava diante da nova natureza, obrigando esse europeu a trabalhar, ou, dito de forma mais apropriada, a retrabalhar o significado da diversidade.

Com essa nova realidade, renascem interrogativas que desafiam os antigos sistemas, tão peculiares ao mundo europeu. Ordenar e dar sentido ao novo núcleo, integrando-o ao mundo novo, fazê-lo concreto, constitui tarefa das mais difíceis. O que animava o conquistador era a reconfiguração do novo, permitida aqui a redundância, a meu ver indispensável.

Foi a mineração que definiu os padrões a serem seguidos na ordenação urbana. O espontaneísmo e a topografia acidentada favoreceram seu traçado irregular, aliado, ao mesmo tempo, à compreensão de que nela nada é anárquico, antes funcional. Os cronistas descrevem com detalhes a fisionomia de Cuiabá.

A comprová-lo, a autora expõe um litograma de Cuiabá, registrando essa funcionalidade. A atividade econômica e a facilidade da extração do ouro nas proximidades do veio minerador justificam seu traçado irregular. A autora nos ilumina, com documentação de primor, em seu primeiro capítulo, a cidade nos séculos XVIII, XIX e XX.

Tenho comigo que pensar a fotografia não implica somente refletir sobre certo tipo de imagem ou sobre um sistema de trocas simbólicas. Tal reflexão requer bem mais. A fotografia se revelou agente de conformação da realidade num processo de montagem e de seleção, no qual o mundo se mostra semelhante e diferente ao mesmo tempo. Imagem de múltiplos significados que se prestam, por sua própria natureza, a enfoques matizados. Maria Auxiliadora assume a opção de usar a fotografia como documento e, assentada nesse pressuposto, vai delineando o olhar dos fotógrafos à cidade de Cuiabá como foco. Daí o título [original da tese]: *Biografia de uma cidade através de imagens*. Biografia pela fotografia. Em sua obra, esses dois termos se imbricam, confundem-se, identificam-se. Assim, os múltiplos olhares se fundem e ampliam a análise, articulam-se com enfoques sociais.

Jane Jacobs, em seu extraordinário *Morte e Vida das Grandes Cidades Norte-Americanas*, ao discorrer sobre as terríveis intervenções feitas por Robert Moses no tocante à cidade de Nova York, vem ao encontro da trilha percorrida por Maria Auxiliadora. A propósito desse olhar, enfatiza: “Falar sobre o dia a dia, sobre a vida das pessoas, é falar sobre sua rua: tudo se encontra surpreendentemente próximo de nossas casas, perto da superfície e nas imediações de nossas vidas. Basta sabermos olhar, para fazer a montagem urbana: os símbolos se mantêm perenemente presentes”.

Não há como negar a grande contribuição deste livro para a historiografia mato-grossense. Construir uma análise que recuperasse esses olhares foi um grande desafio. A escolha do referencial teórico, não podemos negá-lo, sempre nos impõe sérios limites. A opção comporta que busquemos objetividade na distância temporal em que nos encontramos do nosso objeto. Apropositadas, nesse sentido, as palavras de Jacques Le Goff: “A história quer ser objetiva e não pode sê-lo. Quer fazer reviver e só pode reconstruir a distância e a profundidade da lonjura histórica”.

Por tudo isso, tendo como lema esse posicionamento, acredito pertinentes as discussões desafiadas neste indispensável trabalho. A autora, ao romper com o mito, no professar sua fé na História, no empenhar-se para que esta se fizesse mais conhecida, sobretudo no derramar seu olhar investigativo, oferece-nos uma visão panorâmica e, ao mesmo tempo, sintética das diferentes vias que garantiram respostas adequadas ao caminho por ela escolhido.

Cuiabá, 22 de julho de 2007

Prof^a. Dr^a. Lúcia Helena Gaeta Aleixo



Detalhe de gradil em ferro fundido, em casarão do Centro Histórico (c. 1970)

Foto: s/a | Acervo: Misc

Sumário

INTRODUÇÃO, 18

As janelas abertas e o olhar
que se estende ao longe:
imagens de uma cidade esquecida, 27

Os fotógrafos em Cuiabá, 99

Construção de um olhar, 149

A cidade oficial no clique dos
fotógrafos: o “novo” sob
a égide do moderno, 195

CONSIDERAÇÕES FINAIS, 260

FONTES, 262

REFERÊNCIAS, 264

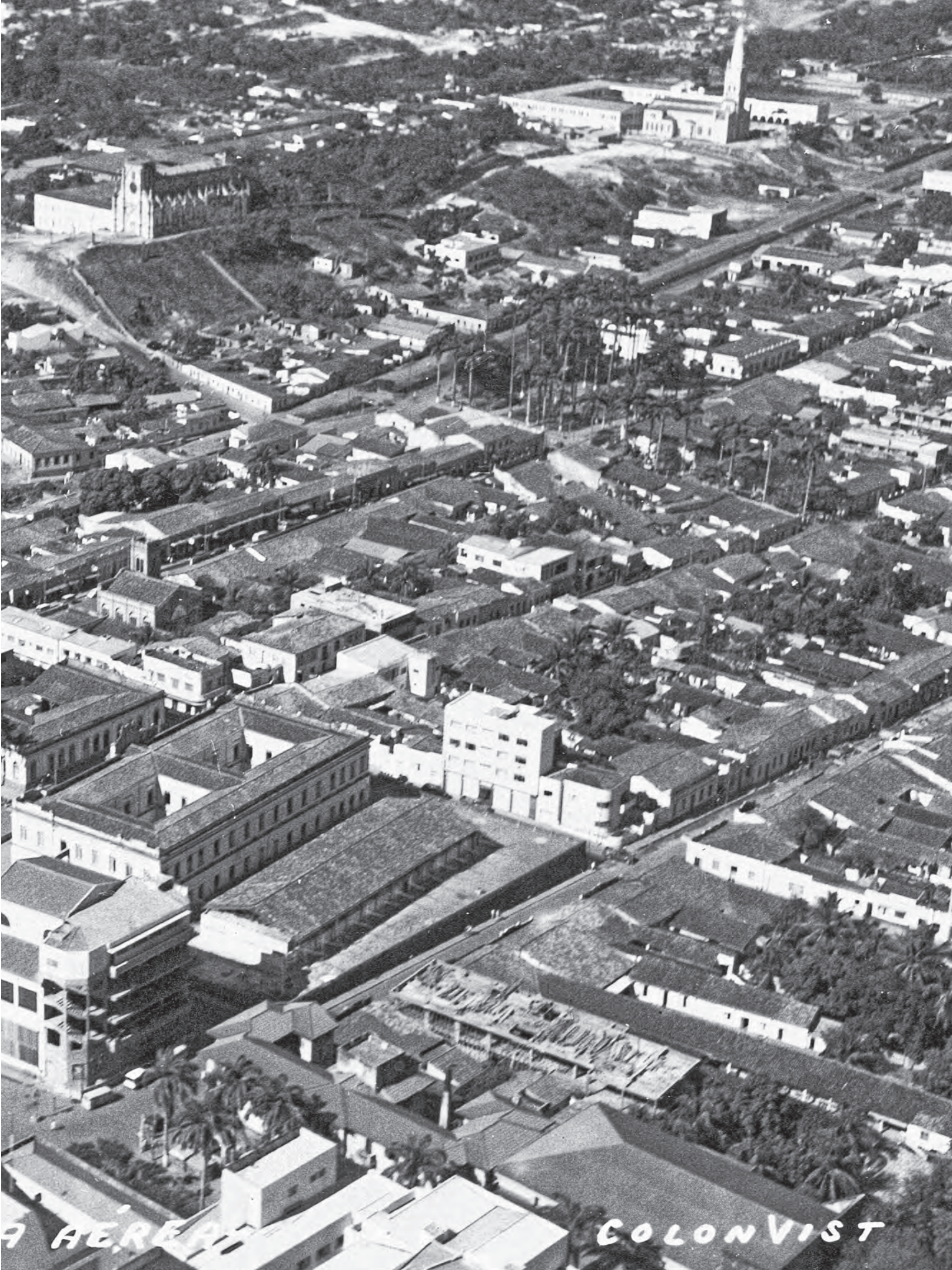
Vista aérea de Cuiabá, c. 1960

Destaque para a catedral prestes a ser demolida para a construção da atual Catedral Basílica.

Foto: s/a | ColonVist

Acervo: Ademar Poppi | C&C

19 - CUIABÁ - EST. M. GROSSO - VISTA



AERIAL

COLONVIST

Introdução

Esta publicação é o resultado de considerações iniciadas a partir de um olhar sobre a fisionomia, o cotidiano urbano e cultural da cidade de Cuiabá. O interesse pelo tema desta pesquisa começou com a dissertação de mestrado que realizei em 1995. A partir dela senti a necessidade de compreender a cidade em suas fases de transformação e modernização. Por meio de novos estudos seria possível realizar uma abordagem ampla sobre como vivia a população de Cuiabá – cidade considerada ‘distante’ geograficamente dos grandes centros urbanos. Ao vivenciar períodos de ‘isolamento físico’ alternados por intercâmbios com várias regiões, a população cuiabana desenvolveu práticas sociais, costumes e hábitos muito próprios, desaguando em uma cultura rica em particularidades. Resolvi, então, realizar a primeira tese de doutorado sobre a história da fotografia em Mato Grosso, defendida em 2003 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, cujos resultados apresento neste livro.

Escrever sobre Cuiabá é penetrar nos meandros da cidade e visualizá-la através do tempo. É perceber como era a vida e a rotina diária da sua população.

Retomamos, pois, pelos idos de 1899, quando, da mesma forma que hoje, as pessoas criaram expectativas no futuro no novo século que, em breve, surgiria. Compreende-se que fossem, talvez, esperanças por dias melhores e um reconhecimento de toda uma vida dedicada ao seu berço natal. No entanto, viver, para o cuiabano, era constituir dia a dia a cidade, compreender suas dificuldades e criar condições de melhorias.

A cidade cresceu e tomou “ares” diferenciados da pacata vida experimentada nos séculos XVIII e XIX. Para compreender melhor tais acontecimentos foi importante a leitura e a transcrição de trechos dos periódicos que circulavam na data proposta ao estudo e que a mostravam como uma “cidade das possibilidades”.

Por isso, foi importante investir na busca de referenciais – necessários para compor e dar sustentação a uma proposta de trabalho na historiografia mato-grossense – que permitissem ampliar as reflexões e o olhar sobre a cidade.

Assim, partindo-se do estudo e entendimento do olhar sobre a cidade, que é o objeto da pesquisa realizada, lembro Alfredo Bosi, quando fala do olhar que se desperta em direção ao passado, estabelecendo um elo nas obras que a memória impregnou, uma relação com o presente vivido e o passado representado¹.

Aqui, o papel da imagem fotográfica e dos fotógrafos é de fundamental importância para a compreensão da linguagem visual da cidade de Cuiabá. Através de uma panorâmica podemos perceber que o século XX foi quase todo capturado por lentes. E é quase impossível não termos na memória uma lembrança de acontecimentos, comemorações e tragédias que não tenham sido registrados por câmeras fotográficas, romaneados ou documentados cinematograficamente.

Em se tratando da trajetória histórica da fotografia, é oportuno registrar que, desde a sua expansão, ocorrida no final do século XIX, e a produção de máquinas portáteis, lançadas pelo americano Eastman como forma de popularizar a fotografia, e com a criação da marca Kodak logo na virada para o século XX, criou-se

1 BOSI, Alfredo. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O olhar*. 1997, p. 77.

uma outra lenda: as câmeras Brownie que, sem dúvida, atenderam a contento, com preços mais acessíveis².

A expansão e a popularidade dessa nova arte indicaram formas de percepção visual diferenciada e a importância do seu papel na reestruturação do olhar, que emergia naquele momento através de registros de seu cotidiano, sem conexão com o oficial e tradicional.

O ver e ser visto têm um profundo e ambíguo significado, pois, imbuídos de sentimentos, não somos capazes de nos desprender da realidade verticalizada pelo urbano. Entretanto, corre-nos a sensação de viver sem que nos percebamos concretamente no que somos, o que fazemos e como vivenciamos a rotina diária.

Berman³ sensibiliza-nos quando fala do processo de ebulição que toma conta das cidades, em particular, Paris. O corre-corre das pessoas e a reconstrução do espaço urbano, os bulevares, o remanejamento de pessoas de uma área para outra, a reestruturação da cidade e a funcionalidade com que Haussmann constrói pontes, mercados, parques e outros espaços.

O ideal urbanístico dele era a visão, em perspectiva, de longas séries de ruas que acabam por estruturar o olhar do parisiense e visitantes, permitindo dessa forma maneiras de ver e de ser contemplado, sendo um espetáculo único⁴.

Berman acrescenta dizendo-nos que todas essas inovações criaram um novo tipo de espaço, aquele onde se está a sós, sem estar particularmente sozinho, onde todos desfrutam de um lugar único, “privacidade em público”.

Contudo, essa nova agitação que tomava corpo e se expandia por toda a Europa preocupava Baudelaire, quando este nos diz que tudo era muito confuso e perigoso, pois a morte estava em todos os lados, eram pessoas caminhando pelas ruas, cavalos, uma agitação sem fim. Atônito, Baudelaire via a vida urbana – rica, cheia de novas possibilidades e perspectivas – como perigosa e amedrontadora.

Paris se tornou, aos poucos, uma cidade de incertezas, na qual havia muita exterioridade e poucos limites. Era a cidade do *flâneur*, ou dos desocupados que vagabundeavam pelas ruas no anonimato.

O *flâneur* (viajante sem destino), segundo Walter Benjamin⁵, era o herói moderno, capaz de viajar, chegar, olhar, admirar, continuar o percurso, ser um desconhecido e situar-se em uma zona liminar. Todos esses aspectos tornaram-se emblemáticos a partir do momento em que houve a democratização do “ato fotográfico”, ou seja, olhar e ser observado, ver, registrar e ser registrado.

O fotógrafo profissional do século XX era artista em potencial, remanescente da pintura, que via nessa nova arte algo mais evidente, rápido e a baixo custo. Saía

2 Revista FOX – Kodak 80 anos, 2000, p. 3-4.

3 BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

4 URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagens das sociedades contemporâneas*. Trad.: Carlos Eugênio Marcondes de Moura. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel/Sesc, 1999, p. 183.

5 BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. In: *Magia e técnica, arte e política*. v. I. São Paulo: Brasiliense, 1995.